



ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SECULO"

Director — J. J. DA SILVA GRACA
Propriedade da SOCIEDADE NACIONAL DE TIPOGRAFIA
Editor — ANTONIO MARIA LOPES

NUMERO AVULSO, 30 cts.

ASSINATURAS: Portugal, Ilhas adjacentes e Espanha:
Trimestre 4\$00.—Semestre 8\$00.—Ano 16\$00.
COLONIAS PORTUGUEZA: Semestre—9\$50 Ano 19\$00.
ESTRANGEIRO: Semestre 14\$50 —Ano 29\$00.

Redação, administração e oficinas: Rua do Seculo, 43 — LISBOA

Sapataria JANUARIO

sação de luxo em todos os generos
pelos mais chics modelos

MEIAS FINAS

78, R. de S.^{ta} Justa, 80



Gorões

Onde ha o mais chic
sortido e que mais ba-
rato vende, por ter
fabrica propria, e na

Camelia Branca
L.^{da} D'ABEGOARIA, 30
Cao Chiado - Telf. 3270

PLISSADOS

Em todo o genero, os mais perfeitos
20 anos de pratica

Madame Valente

Conde Barão, 93, 1.^o—Telf. 3845
Filial: C. do Duque, 3, s/l (ao Rocio)

Maquinas e Acessorios Para as INDUSTRIAS e AGRICULTURA

Pedir preços, orçamentos a

C. STFFANINA — 39, R. Corpo Santo, 41

O passado, o presente e o futuro

Revelado pela mais celebre chiro-
mante e fisionomista da Europa

Madame Brouillard

Diz o passado e o presente e prediz o futuro,
com veracidade e rapidez; é incomparavel em
vaticinios. Pelo estudo que fez das ciencias,
quimicas, cronologia e Hiziologia e pelas
applicacoes praticas das teorias de Gall, Laya-
ter, Desbarolles, Lambrose, d'Arpenigney, ma-
dame Brouillard tem percorrido as principais
cidades da Europa e America, onde foi admira-
da pelos numerosos clientes da mais alta ca-
tegoria, a quem predisse a queda do imperio e
todos os acontecimentos que se lhe seguiram.
Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano
e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da ma-
nhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja) — LIS-
boa. Consultas a 500, 1000 e 1500.



nhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja) — LIS-
boa. Consultas a 500, 1000 e 1500.

M. ME VIRGINIA CARTOMANTE-VIDENTE



Tudo escla- rece no
passado e presente e
prediz o futuro.

Carinha a todos os
meus clientes: com-
pleta veracidade na
com ulha ou reembolso
do dinheiro.

Consultas todos os
dias uteis das 12 as 2
horas e por correspon-
dencia. Enviar 10 cen-
tavos p. ra resposta.

Calçada da Patriar-
cal, n.^o 2. 1.^o Esq. (Ca-
mo da rua d'Alegria
predio esquina).

Vêr, quarta-feira, o

Suplemento de MODAS & BORDADOS do "SECULO"

Preço: 20 centavos

O melhor reconstituente para
adultos e creanças é a

Calcina Triplice

Os lymphaticos devem
preferir a **Calcina**
com Iodo; os anemi-
cos, a **Calcina com**
Ferro; os astheniados,
a **Calcina com ar-**
rhenol.



TALHERES
AMERICANOS

no genero de

Cristofle

Vendem-se
ao preço
da fabrica

H. SORIN
R. Aurea, 165

Prisão de ventre

Cura-se em poucos dias com
Aguas Mineraes de Santa Ma-
tha (Ericiceira) bebendo-se de ma-
nhã em jejum quentes a banho-
ria e em clisteres tambem a banh-
maria, e ás refeições e nos inte-
valos toma-las a frio.

São as melhores na cura do E-
tomago, Rins, Fígado, Bexig
Obesidade, Pele e Purgação

Deposito Geral
RUA AFONSO D'ALBUQUERQUE
LISBOA

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL DE «O SECULO»

II Serie — N.º 812

Lisboa, 10 de Setembro de 1921

30 centavos



O PRESIDENTE DO MINISTERIO
SR. DR. ANTONIO GRANJO
(Retrato oferecido á «Ilustração Portuguesa»)

CAPA. — VIRGINIA VALLI. Uma das mais belas actrises hispano-americanas, natural de Chicago.

CRONICA DA SEMANA

AFASTADOS de Lisboa durante os meses de agosto e setembro, por prescrição medica, seguimo-la com rigor, isto é, descancamos fisica e moralmente, evitando qualquer fadiga, mesmo a que provem de leituras meditadas; por isso mal passamos os olhos pelos periodicos e dêles só colhemos a sumula, sabiamente exposta, segundo o moderno sistema do jornalismo, nos titulos dos artigos.

O «Seculo», nêsse ponto como em tantos outros, é um modelo; quem quer saber dos acontecimentos importantes, nas suas minucias, lê-o em todas as palavras; quem lhes quer apreender apenas o que mais interessa, em poucas linhas os conhece e, ás vezes, nem precisa lê-lo, porque a caricatura encarrega-se de fixar e comentar o que só por longos arzoados se fixaria e comentaria.

Viram ha dias, a caricatura sob o titulo de «A tourada nacional e a vítima do bandarilheiro?» Acompanhava-a uma legenda, quanto a nós, escusada, tão eloquente foi o lapis do artista: citando a vaca brava da «Especulação», um toureiro, de pé sobre a pasta das Finanças, procura metê-lhe um par de bandarilhas, as cambiais; por traz, o povo, o eterno parvo, espera confiadamente o resultado. A «Especulação» investe, o bandarilheiro furta o corpo, prepara o «quebro,» e, por fim, é volteado com aparato, depois de ter espetado a ferragem... no cachaço do «Zé!»

A «sorte» é conhecidíssima; e tão repetida tem sido que nela só ha a admirar a estupidez do espectador, em se colocar ao alcance dos ferros, sabendo de antemão que tem de dar o cachaço ao manifesto. Em todo o caso, é de aplaudir o caricaturista, porque apresentando desse modo, em atitudes ridiculas, bandarilheiro e bandarilhado, é possível que eles de futuro se acautelem, ao menos por vergonha; quanto á «Especulação», ninguém espere que se emende, porque não tem vergonha nenhuma.

SEIS dias passados em Tomar, sem preocupações de nenhuma especie, incluindo as de hotel, que são das peores, eis o que dá uma idéa aproximada do paraizo terrea!, antes do pecado. Tivemos essa dita, em fins de agosto ultimo e ainda nos encanta pela saudade a canção melancolica das noras, a mancha fresca dos salgueiros, a forte serenidade do castelo dos Templarios, a ternura ingenua da capelinha da Piedade, os floridos tabolei-

ros das procições, a familiaridade acolhedora da magnoliá multi-centenaria do sr. João Torres Pinheiro e, sobretudo, um fam' so arroz-dôce, que mãos de fada preparam e que melhor os Anjos não servem aos eleitos do Senhor! De tudo desejamos que fique na memoria rimada, nas seguintes «Trovas de Tomar», que as deliciosas vozes das sr.^{as} D. Elvina Silveira e D. Celeste Silveira interpretaram com sentimento de verdadeiras artistas:

I

De rio em rio, o Nabão
Ao Tejo se vai juntar:
Lá foi o meu coração
Até ás ondas do mar!

II

A'to convento de Cristo
Que extensas vistas que tem;
E d'ali sómente avisto
A carinha do meu bem!

III

Senhora da Piedade
Tamb m vos quero resar:
Dai me noiva na cidade,
Na cidade de Tomar!

IV

O pão do teu taboleiro
Dás ao p'imeiro que passa
E ao desgraçado tropeiro
Nem um ar da tua graça!

V

Magno'ia de tanto ramo
Que nem os posso contar:
Balouça aquela que eu amo
E quizera balouçar!

VI

Senhor do arroz dôce:
Tão docinho o fabricais
Que sabe como se fosse
De favos cel-stiais!

VEEM a lume alguns escanda'os passados com os serviços do registo civil, como livros inutilizados e perdidos, documentos ilegíveis, falta de indices, má educação e desleixo d'alguns funcionarios, com sudario de incompetencias, emfim, a que urge pôr cobro, por dignidade da Republica Expli avase o atabalhoamento no começo, na organização das repartições respectivas; agora, já é tempo de revestir os actos importantssimos que aí se praticam, com a seriedade e até com a solenidade exigidas e de que a Igreja nunca se esqueceu: é conveniente—que demonio!—que uma noiva não saia da sa'a do registo com a impressão de ter casado á porta do açougue!



Acacio de Paiva





A Alma Amorosa de Camillo

por
Patrocínio Ribeiro ~

rosa, ia-se expandindo em paixões românticas: a «Ode a Elmena» foi-lhe inspirada por uma cam



CAMILLO Castelo Branco — segundo referem os seus biógrafos, porque eu não tive o prazer espiritual de o conhecer, — era um homem alto, singularmente feio, muito picado das bigodas, e com um bigode tão hirsuto, que lembrava a bigodeira façanhuda dum offic al tarimbeiro; todavia este homem singularmente feio e irracional foi um amoroso impenitente. Toda a sua agitada mocidade fremu de ternura intensa convulsionando-lhe o espirito e abraçando-lhe a alma nos ardores cáuticos da paixão obstinada e tresloucante. Nascera predestinado

para os sofrimentos agros do amor, para o martirio persistente da emotividade afectiva, e por isso penou, gemeu, e chorou, durante toda a vida, como um «degredado» do sentimento, como um «grilheta» da ternura, como um pobre «condenado» aos trabalhos forçados do coração... Um perfil classico, uns olhos aveludados, um sorriso casto, comoviam-no tanto, perturbavam-no a tal extremo que ele, consultando de si para consigo a sua fina sensibilidade de poeta, decidiu ser o cronista da alma feminina do seu tempo imprimindo com esse fim, á sua obra maravilhosa todo o esforço colossal dos seus nervos e toda a luz e todo o calor do seu genio de homem de letras, pois cada romance seu é um hino triunfal á Paixão, e um harmonioso cantico á Mulher! Ora Camillo não foi, apenas, um sensualão — como pretendem alguns autores — nem tao pouco um «volúvel», — como o accusam outros. Ele era um verdadeiro e puro sentimentalista, mais amoroso psiquico que fisiológico. Enquanto fingia esquecer, desdenhoso, as mulheres que possuira, enaltecia, com ardor, as de que nem sequer conseguira um beijo, porque a sua impressão amorosa era toda poetica, subjectiva, feita de doces sonhos, de espiritualidades mórbidas, de brandas illusões, e de ternuras celestiais infinitas.

Assim, os seus primeiros versos de amor foram-lhe inspirados por Luiza dos Santos, uma gentilissima pastorinha de Vilarinho da Samardã, por quem se apaixonára aos quinze anos. Pouco tempo depois, em Lisboa, ei-lo enternecido por uma tal Amelia, que numa poesia chama «rival dos anjos» e «filha dos sonhos». Aos 16 anos, enamorando-se de Joaquina Pereira, filha dum negociante de Friume, casou com ela em Ago to de 1841, nascendo dessa união uma filha que viveu pouco. Vivendo separado da mulher, a sua alma, obstinadamente a no-

ponesa muito formosa que ele vira, em 1842, numa romaria de Trás-os-Montes, e foi nesse mesmo ano que, em Vilarinho da Samardã, — para onde a sua existencia agitada o impelira de novo — iniciou esse famoso idillio casto com Margarida Maria Dias, a celebre «Maria do Adro», imortalizada mais tarde pela sua pena de escritor eminente, que morreu tísica e que não sab'a ler nem escrever, como uma verdadeira namorada ideal.

Camillo, com o coração sangrante e a alma dilacerada, teve, todavia, coragem ainda para ajudar a desenterrar-a um mez após o falecimento, nas circunstancias que relata na «Impressão indelevel» do seu livro «Duas horas de leitura».

Mas, conquanto esta furiosa paixão pela «Maria do Adro» fosse, talvez, a mais seria e a mais perigosa da sua vida de amoroso impenitente, de sentimentalista obstinado, de sonhador, de romantico, logo no ano seguinte, em 1845, tomou-se de amôres com Patricia Emilia de Barros, de Vila Real, raptando-a e fugindo com ella para o Porto, onde foram ambos presos, a requisição da familia do futuro romancista. Destes amores, nasceu uma filha.

Aos 24 anos, Camillo — que enviuvára em setembro de 1847 e vivia já separado de Patricia de Barros, — abraçou-se numa paixão violenta por uma dama da alta roda do Porto, muito ilustrada e inteligente; sendo porém, o seu amor incompreendido tentou suicidar-se, escrevendo, uma hora antes de se envenenar com morfina, a poesia pessimista «Harpa do sceptico», onde patenteava á mulher ingrata todos os escaminhos da sua alma fortemente amorosa, todas as torturas colossais das suas infelicidades e desventuras. Como vimos, a poesia era, em Camillo, uma poderosissima derivante sentimental, uma expansão larga da alma, um refrigério salutar aos ardores do coração enamorado, porque o grande romancista — como acentuei já — só se sentia poeta quando amava espiritualmente, candidamente, castamente, e só fazia versos ás mulheres que não tinha probabilidades de possuir, tanto que Joaquina Pereira, com quem casára, e Patricia de Barros, sua amante, nunca lhe fizeram dedilhar a lira do bardo romantico do amor.

Foi em 1850 — contando então o escritor 25 anos — que viu num baile da Assembleia Portuense, pela primeira vez, D. Ana Augusta Placido, de quinze risonhas primaveras. Camillo ficou deslumbrado, e sentindo queimá-lo a agreste fogo que «arde sem se ver» — conforme disse o cantor de «Natercia» — fez logo uma versalhada, que publicou num jornal de senhoras, para que



Camillo em 1861, preso no Porto, com D. Ana Placido

ela a lêse e avaliasse do seu estro amoroso. Ora D. Ana Plácido já estava prometida e casou, realmente, em setembro desse ano, com o negociante Manuel Pinheiro Alves, do Porto, achando-se o romancista em Lisboa, para onde fugira ralado de ciúmes. Iniciava-se assim essa paixão nefasta que lhe amargurou a mocidade e a velhice até ao dia trágico do seu suicídio. Em maio de 1851 publicou o seu primeiro livro de versos «Inspirações», dedicado à mulher do ouro... E como continuava sempre apaixonado por essa mulher fatal que lhe dera volta ao miolo, pensou em fazer-se padre; matriculou-se em teologia e andava vestido com uma batina de seminarista e um crucifixo pendente ao pescôço. Esse período de misticismo mórbido durou pouco, porém, pois iniciou umas relações muito íntimas com a freira Isabel Candida, dum convento do Porto, escreveu versos em honra da cantora do teatro de S. João, Laura Geordano, e viveu de casa e pucarinho, durante alguns meses, com uma costureirinha do Candal, a quem não fez versalhada alguma... esquecendo-se até de lhe citar o nome nas suas obras de evocação amorosa!

Parece que foi só em fins de 1857, sete anos após o seu casamento, que D. Ana Plácido começou a ceder à paixão de Camilo, escrevendo-se com esse romancista de génio que devia immortalisá-la em suas obras, sob os supostos nomes de «Rachel», «Ludovina» e «Leonor». Num dia fatídico de 1859 abandonou, bruscamente, o marido para ir viver na companhia de Camilo que, antecipadamente, tinha alugado já uma casa para ambos na rua da Cedofeia. O escândalo estoizou, como uma bomba na cidade da Virgem. A moralidade ofendida dos «tripeiros»

protestou indignada, com veemência, perante a enormidade do desacato ao lar conjugal cometida por esse rabiscador de papeis, picado das bexigas, seduzindo uma mulher casada, chovendo, também, imprecações

bastas sobre a cabeça dessa mulher casada que, de resto, fumava como um homem... E o Porto nunca lhes pôde ou a acção. Passados mezes, o marido ultrajado — que levava os dias chorando como uma criança, moído de saudades pela esposa infiel, — exigiu a prisão de ambos, por crime de adultério. No cárcere, Camilo continuou a escrever os seus romances e D. Ana Plácido a fumar os seus cigarros... Pouco tempo depois o tribunal absolveu-os, mandando-os em liberdade para a vida em comum. Mas na alma amorosa do escritor a paixão já se tinha extinguido por essa mulher fatal, e o tédio da intimidade e a «voragem do desengano», tornaram-no imensamente infeliz, fizeram-no dolorosamente desgraçado. Dessa união maldita nasceram dois filhos desventurados: um doído e o outro predulário, que mais e mais atormentaram o viver penoso desse casal de saciados do amor que, já sem ilusões, expiava a amargura d'um sonho desfeito... Durante uns pungitivos trinta anos seguidos, D. Ana Plácido — fumando os seus cigarros como um homem e bebendo as suas próprias lágrimas amargas — viveu à ilharga de Camilo que a tornaria imortal, ao passo que o romancista eminente, soluçando de desventura, fazia correr a pena sobre o papel, obstinado, exgotando-se, fringindo os miolos, a trabalhar, a trabalhar sempre até que um dia os seus pobres olhos cegaram...



D. Ana Plácido, a mulher fatal de Camilo



Viana do Castelo — Casa onde Camilo, em 1857, na fase intensa da sua paixão por D. Ana, escreveu o romance «Carlota Angela»





TRADUÇÃO DA POESIA «PLAINTES», DA DUQUEZA DE ROHAN

À SENHORA DUQUEZA DE ROHAN

HOMENAGEM DE VIRGINIA VICTORINO

A sr.ª Duqueza de Rohan

LAMENTOS

Oh! minha dôr! escuta o murmúrio do vento.
Vae perdido a chorar, perdido de anciedade!
Pelos bosques rolando em louca tempestade,
Mistura ao teu soluço um trágico lamento.

Oh, minha dôr! escuta a voz da natureza!
Decifra-lhe o misterio, a esfingica harmonia...
A vida é uma ilusão. Repara! um belo dia,
Morre o amor, vae-se a luz e perde-se a beleza.

Porém, tu voltas, sol, doirando o meu olhar,
E o sangue vibra em mim, numa alegria louca...
Vae-se a triste expressão da minha triste boca,
Que, suavizado o mal, recomeça a rezar.

Guardar o teu calor divino—quem me dera!
Quero amar, esquecer a doentia amargura.
Quero em vez da agonia, um riso de ventura,
É em vez do triste inverno, a alegre primavera!

NOTA:—Virginia Victorino, tendo recebido o belo livro *Souffles de Océan*, da Ilustre Duqueza de Rohan, oferecido pela auctora, traduziu algumas das suas belas poesias. Damos hoje a os nossos leitores uma dessas traduções, por especial deferencia da inspirada poetisa.

GUARDA SÓIS E TRAJOS COM QUE SE COMBINAM

O guarda sol com que se completa a graça insinuante do vestuário das mulheres elegantes, é neste momento uma das preocupações do mundo chic na capital francesa. Os «costumiers» queimam os miolos a inventar desenhos, combinações que mostrem, que exibam nos passeios.

O guarda sol «Molyneux» que a nossa estampa mostra nas mãos da gentil rapariga, que vem descendo os degraus de mármore, é de rendas pretas, sobre seda branca, com o punho de «laca» negra. O vestido, de violeta crêpe da China, tem as mangas das mesmas rendas pretas.

Ha trajos de extrema simplicidade que na realidade são um verdadeiro encanto. O vestido «Rolande», executado em seda azul é um deles. Um cinto de élos de prata é o seu unico enfeite. E o guarda sol que completa esse trajo é duma bela simplicidade, em «museline» azul escuro, com o punho escarlata, também delineado por «Molyneux».

O vestido «Cheruit» em seda preta é ornamentado com fiadas de grandes contas brancas; e o guarda-sol «chinês», que completa o vestuário, é formado por uma combinação de vermelho e de alaranjado, sobre um fundo branco.



Cheruit

Rolande

Chérut



Premet

Jenny

OS AGASALHOS DA MODA

Os agasalhos passaram agora por modificações notáveis. Os proprios vestuários são confeccionados de forma que os suprimem ou enão usam-se longos, amplos. A capa «Premet», mostrada á esquerda da nossa estampa, dá o exemplo desta ultima maneira. Tanto o vestido como a capa são de «crêpe georgette», orada a longa franja de seda.

A capa «Jenny é interessante: lembra a capa dum cavaleiro. Usa-se em sarja azul, combinada com «crêpe» da China.

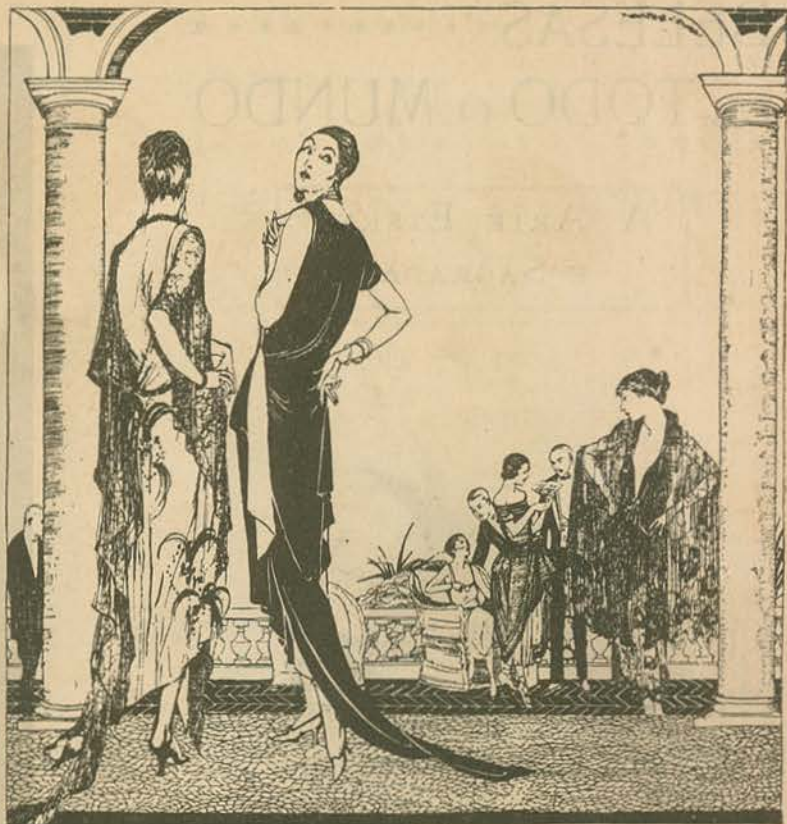
SETINS E RENDAS

E' uma questão de gosto a combinação d'um vestuário da moda, a dar maior ou menor predomínio a um ou outro dos tecidos e ornatos que entram na sua confecção.

A nossa estampa mostra como se fazem as mais graciosas «toilettes».

Veja-se o modelo «Drecoll», em delicado setim branco todo adornado a rendas pretas á «Chantilly».

O vestuário «Premet» de setim magenta é igualmente digno de nota. — O modelo «Worth» de setim cor de rosa, e o «Alice Bernard» de setim preto e o de «Chantilly» preto com capa ampla de rendas, bordadas a flores escarlates.



Drecoll

Premet

Worth

Alice Bernard

«GEORGETTES» E OUTROS TECIDOS

Os tecidos «Georgette» pretos ou de cores brilhantes estão agora muito em uso para os bailes e para as reuniões de gala. Um dos modelos «Worth» é em crêpe «Georgette» e talhado nas mais elegantes linhas. Combinado com o crêpe, o apreciado «couturier» completa o vestuário que assim criou com tule branco, aspergido a pontos prateados. Outro modelo também de «Worth» que vai representado é de «Georgette» azul — Os vestidos «Madelaine» teem um tom de trajos medievais e deveras interessantes. Predomina n'eles o veludo e recamam-se de ornatos de seda — «Martial et Arnaud» apresentam modelos d'um alto bom gosto feitos em tecidos de fio prateado franjado a fios de perolas. Tudo isto é a expressão do mais refinado bom gosto na Arte de vestir.



Worth

Worth

Madelaine

Marcial e Arnaud

BELESAS *****
DE TODO O MUNDO

A ARTE ETERNA
E SAGRADA



LUCIE HAMAR

*actriz francesa que é, também, um querido e re-
questado modelo das modas femininas*



MAY ALLISON

linda mulher americana e linda atriz cinematográfica. Arte de misterio, fotografia da vida, o cinema eternisa a beleza da mulher, eterna criação de Deus



A' luz ***** e no
clara ***** "eclair"
da ***** do
ribalta ***** cinema

NA FRANÇA,
NA AMERICA
E NA
ALEMANHA



XENIA DESNI, RAINHA DO «FILM»

Na Alemanha a sua beleza de Madona, esfingica e sagrada, enche de lenda e poesia a sua passagem no pano branco do cinema. E' uma atriz consagrada pelo seu talento e pela sua beleza



FIGURAS & FACTOS



1. A dr.^a sr.^a D. Aurora de Castro e Gouveia, a primeira notaria portuguesa. Tem cartorio em Alcântara

2. No Bairro Social do Arco do Cego. Grupo de casas em construção

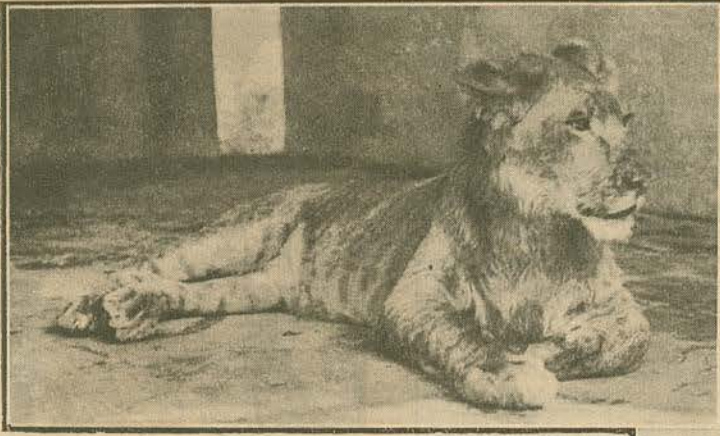
3. No dia de Santo Huberto. Um caçador esperando que o seu cão dê sinal

4. O encarregado dos negocios da Noruega, sr. Koronden, que ha pouco ofereceu um banquete diplomatico

5. Amanhando a caça



6. No dia da abertura da caça. Grupo de caçadores preparando-se para largar por montes e valados, em busca de onde empregar os seus tiros



O leão que ultimamente foi doado ao Parque das Laranjeiras e que é um b. lo exemplar.



As vencedoras do campeonato de natação de 100 metros realizado em Pedrouços. D. Natália de Almeida e D. Margarida Pala.



Romarias e festas populares—Lendo a «Buena dicha» no Senhor da Serra



No submersível «Foca». As praças que fizeram o exercício de submersão de 30 horas.



O mais pequeno pioneiro de Portugal, Flavio de Oliveira Rodrigues, de 6 anos de idade.



LISBOA NA INTIMIDADE

NO SILENCIO DA NOITE — FA-
LA UM GUARDA NOCTURNO —
UMA ESTATISTICA CURIOSA —
A CIDADE ADORMECIDA — TRE-
VAS — A MOURARIA DE NOITE
— MENDIGOS E VADIOS — OS
BANCOS DA AVENIDA — A RUA
DO OIRO ÀS 4 HORAS DA
MÃNHÃ

Lisboeta não conhece a sua cidade fóra de horas.

Lá de longe em longe, em noite de Carnaval ou aniversário do compadre, recolhe a casa entre as quatro e as cinco, mas na generalidade é pacato, extremamente pacato.

Pois Lisboa de noite tem aspectos curiosos. Vista da Graça, do Castelo, de S. Pedro d'Alcantara, é uma mancha de luzes. Ao fundo, a severidade arquitétonica da Sé, estampa-se no mar. De resto, uma luz aqui, outra além, mais nada.

A's duas da manhã, pode dizer-se que a cidade morreu.

Passa o último carro eléctrico a caminho do Arco do Cego, com oito ou dez pessoas, e chega o último comboio da linha de Cascaes, que não chega a trazer um cento de passageiros. Dois d'êles conversam:

— «Olha que nunca me lembra de uma coisa d'estas! Uma noite inteira a «bater» no 17 e nada. Em compensação o 32 deu cinco vezes; já foi azar!»

Pelas ruas ha homens com archotes, concertando as linhas dos eléctricos e na Praça da Figueira, galos e galinhas fazem uma berrata infernal com as suas cantorias.

Cortamos á rua da Palma. No Largo Silva e Albuquerque não ha, pelas duas e meia, qualquer vestigio de vida, e a calçada de Santo André tem apenas um candieiro acêso. Tropeça-se.

Um mariola de profissão liquidaria aqui um transeunte, sem sobresaltos nem testemunhas. Um guarda-nocturno fala-me da sua area: «Isto

é uma terra onde a população se deita com as galinhas. De vez em quando lá vem um patusco que sempre cae com um meio tostãozinho

pelo serviço, mas é raro, muito raro. Diabo de vida a minha...»

No jardim da Graça, tres rapazolas e uma mulhersita ainda nova falam de aventuras femininas. São tres da manhã. Amor vadio, estremunhado, miseravel.

Ca para o outro lado, Alfama. Durante



—O' sr. guarda. Eu noutro sitio não vejo para dormir...»

vinte minutos, nem um policia, nem um guarda-nocturno, nem um candieiro. Passa-se por lá com o credo na boca. Só á esouina da rua de Santo Estevão aparece uma lam-



O unico estabelecimento que está aberto toda a noite

pada electrica. Uma nota curiosa. Sabem onde estive-mos tomando notas aproveitando uma luz forte que iluminava prodigamente o recinto? No Arco Escuro, á rua dos Bacalhoeiros. Mais um paradoxo a juntar aos tantos que já conhecemos.

No Terreiro do Paço ha animação toda a noite. A que vem do lado dos Correios e Telegrafos que funciona toda a noite, recebendo em media, entre as duas e as cinco da manhã, quinhentos a seiscentos telegramas.

O Bairro Alto, por motivos que não veem para o caso, é de todos os bairros animação até

excentricos o que conserva mais tarde.

Já no Chiado o silencio é enorme. Ha

apenas cinco janelas iluminadas e, lá dentro, um piano endiabrado a remoer o «Tango fatal». Cá em baixo, um porteiro dormita.

De sensacional mais nada. O Campo Grande, de noite, parece quarta-feira de Trevas.

Resta-nos a Baixa, com os seus lampeões electricos. Até ela, que nós conhecemos á tarde, cheia de movimento, abarrotante de gente, de noite— a principal arteria do coração de uma cidade com setecentos milhares de habitantes — é desolada como um tumulo.

De cinco em cinco minutos passa um transeunte.

Não é exagero afirmar-se que desde a hora a que passa o ultimo carro até á hora a que abrem os mercados, na rua do Ouro não chegam a passar duzentas pessoas.

Junto a um lampeão, um garoto esfarrapado dorme até que o policia de serviço lhe faz notar a impropriedade do local.

São quatro e meia da manhã. Dois minutos de palmas e o guarda-nocturno da area aparece sonolento e resmungão. Estava concluida a tarefa.



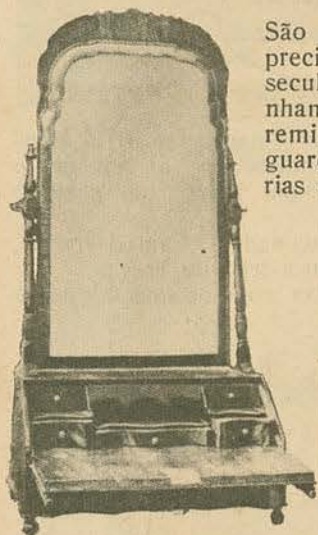
Lá vai! Lá vai! A's quatro e meia é que lhe chegaram as pressas...

LOURENÇO RODRIGUES

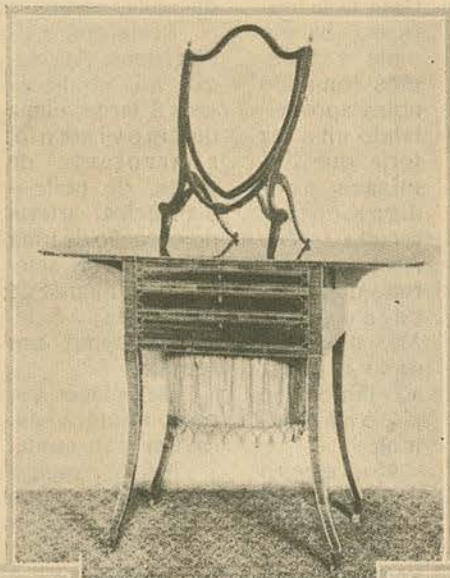


TOUCADORES E MESAS ANTIGAS

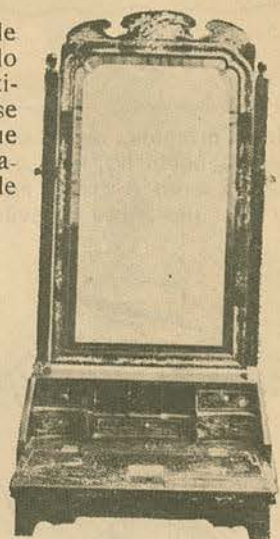
São um encanto para os colecionadores de preciosidades arcaicas, estes espelhos e mesas do século XVIII. As elegantes d'esse tempo não tinham, como hoje, os espelhos vastos em que se remirassem, nem os moveis comodos em que guardassem e dispozessem as miudezas e ninharias em que se comprazia a sua preocupação de embelezarem



Espejo de toucador com gavetas e escantinhos. O caixilho é recortado caracteristicamente e do mesmo modo a face posterior das gavetinhas



Outro toucador do século XVIII



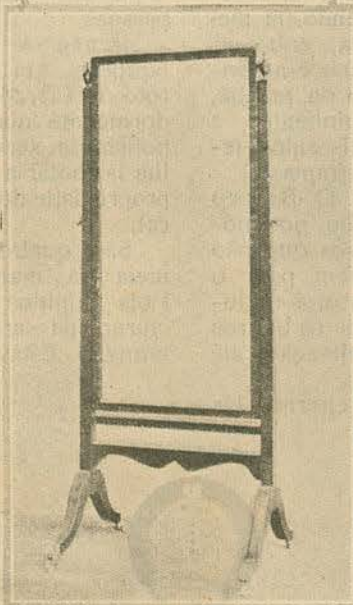
Um espejo de toilette do século XVII, machetado. São dignos de apreço os raros modelos que n'este genero ainda encontram os amadores. Foi um dos moveis de quarto de vestir que mais apreço mereceu



Um toucador do século XVIII, interessante pela forma de coração em que está talhado o cristal e característico pela leveza do caixilho e das volutas que o suportam. Está montado sobre uma pequena caixa de gavetas



Mesa do quarto de vestir, em madeira pesada, de formas simples mas elegantes e precioso pelas acomodações internas das suas gavetas

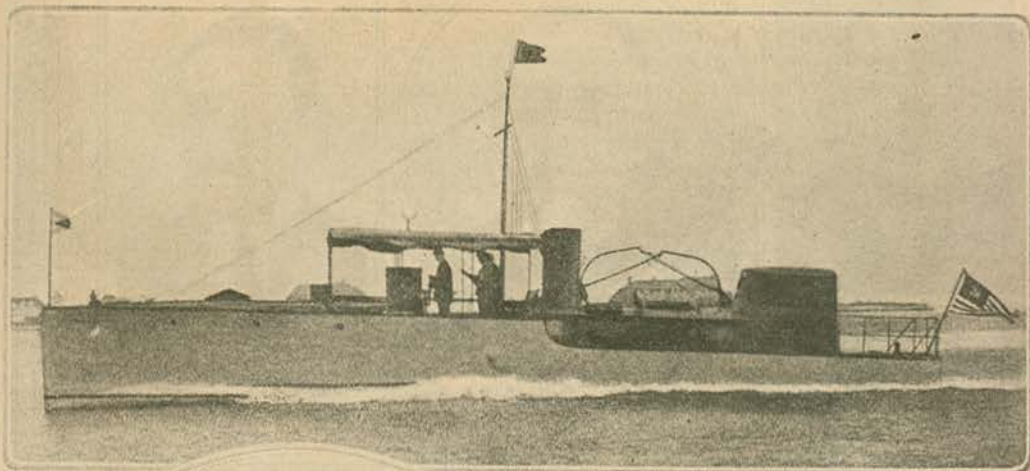


Espejo alto de mogno, dos fins do século XVI e do começo do X X. Movei pesado, independente, severo nas suas linhas e cuja forma ainda hoje se encontra admitido entre o mobiliario moderno



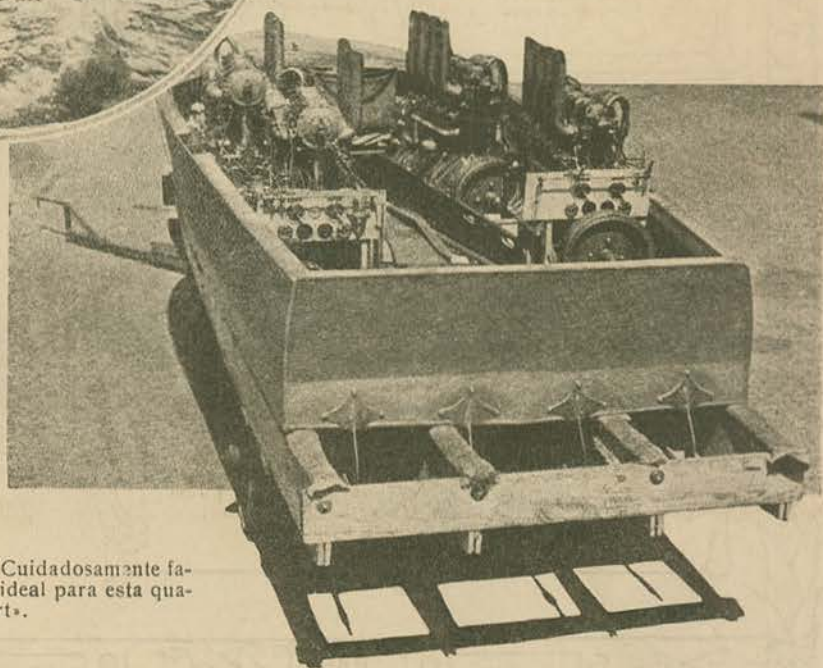
PELO MUNDO DE "SPORT"

O automobilismo nautico



Um dos ultimos modelos de barcos automoveis dotados dos mais completos aperfeicoamentos para dar, com a maior velocidade, a maior soma de comodidades. Experimentado n'um dos rios americanos, o resultado das suas experiencias excedeu toda a expectativa.

Levantando montanhas de agua e espuma, o novo barco automovel corre pressurosamente para o seu alvo, que em poucos minutos atinge.



O motor do barco americano. Cuidadosamente fabricado e montado é o motor ideal para esta qualidade de «sport».

OS NOVOS DEPUTADOS



José Barbosa Ramos
«democratico»—Vila Nova
de Gaia



Antonio da Costa Godinho do Amaral—«democratico»—Vizeu



José Domingos dos Santos
«democratico»—Porto



Albino Soares Pinto dos
Reis Junior—«liberal»—
Oliveira d'Azeméis



Mario Artur Paes da
Cunha Fortes—«liberal»—
Vizeu



Luiz da Costa Amorim
«democratico»—Vila Real



José Augusto Cardoso de
Araujo—«liberal»—Lamego



Fernando Brederode
«democratico»—La-
mego



Francisco Cardoso de Le-
mos—«liberal»—Evora